

RECEITA PARA UMA CIDADE INTELIGENTE: INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E MOBILIDADE

Seminário apresenta ideias que deram certo em grandes centros urbanos e expõe necessidades do Rio

MARCELA SOROSINI E MARCELLO CORRÊA
granderio@oglobo.com.br

A tecnologia já permite que bueiros tenham sensores para indicar entupimentos, que carros sejam monitorados por longos trajetos e que microfones instalados em postes captem pedidos de socorro. Esse nível de vigilância proporciona maior ordenamento urbano, mas levanta questões sobre a privacidade da população. O tema foi um dos destaques do

seminário "Reage, Rio!", realizado ontem no Espaço Oito, em Ipanema. Nesta nova edição, o conceito de cidade inteligente foi a tônica dos debates.

Promovido pelo GLOBO e pelo "Extra", com patrocínio da Oi e apoio institucional da prefeitura do Rio, o evento apresentou ideias para a infraestrutura da cidade e chamou a atenção para a necessidade de uma urgente melhoria na mobilidade carioca, além de ter abordado inovações tecnológicas que vêm

torrando centros urbanos mais conectados, sustentáveis e seguros.

Diretor de Redação do GLOBO, Alan Gripp abriu o evento, que está em sua terceira edição, e contou que o "Reage, Rio!" surgiu de uma discussão entre jornalistas sobre a possibilidade de veículos de comunicação ajudarem na recuperação do estado e da cidade.

— Chegamos à conclusão que esse é um papel primordial dos jornais. O "Reage, Rio!" tem uma relevância muito grande porque nos

ajuda nessa tarefa, abre caminho para um processo de transformação.

Humberto Tziolas, diretor de Redação do "Extra", destacou a importância de o Rio ter uma oportunidade de debater o seu futuro:

— O "Reage, Rio!" é um evento fundamental para ajudar a cidade e o estado a encontrarem soluções para seus problemas. A partir dos casos de sucesso apresentados pelos especialistas, é possível formular ações que poderão ser decisivas para o dia a dia da população. ●

DESAFIOS VÃO DA PRIVACIDADE DIGITAL À SUSTENTABILIDADE

Melhorar a mobilidade urbana, investir em carros elétricos, reduzir o déficit habitacional e apostar em novas tecnologias foram algumas sugestões feitas pelos especialistas que participaram dos debates do "Reage, Rio!". A seguir, temas que tiveram destaque no evento:

MAIS VIGILÂNCIA

O uso da tecnologia para ampliar o monitoramento das ruas, visando à segurança da população, provocou discussões. O dilema entre investir em câmeras e sensores e garantir a privacidade das pessoas foi levantado durante o seminário.

— O cuidado com a informação é fundamental. A gente pode estar tentando observar um veículo envolvido na perpetração de um ato ilícito, como um roubo ou um sequestro, e acabar invadindo a privacidade de alguém que esteja tendo um caso extraconjugal — disse Fábio Pimentel, presidente da Iplanrio, a empresa municipal de planejamento.

Embora a prefeitura tenha protocolos rígidos de acesso à informação, Miguel Lago, fundador da iniciativa Meu Rio e diretor-presidente da rede Nossas Cidades, destacou que o tema continua sendo delicado:

— Se há um país da América Latina que não tem as altas taxas de homicídios do restante da região é Cuba. Então, para quem acha que ter segurança é melhor do que contar com privacidade e liberdade individual, vá para o país. Se um grupo pequeno analisa dados e passa tudo para forças de segurança, isso é absolutamente perigoso para a população.

CIDADES INTELIGENTES

O que é cidade inteligente? Não há um conceito claro, mas existe um consenso de que, para um lugar ter "QI alto", o foco precisa estar nas pessoas, que devem contar com ferramentas que as permitam monitorar o poder público.

A tecnologia é um meio para conseguir construir cidades inteligentes, não o fim — afirmou Mauro Fukuda, diretor de Estratégia, Tecnologia e Arquitetura de Rede da Oi, que apresentou soluções de internet das coisas ("IoT", na sigla em inglês).

Uma das aplicações de tec-



FOTOS DE NELSON PEREZ

imóveis históricos.

MOBILIDADE URBANA

Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Sérgio Magalhães destacou a importância de investimentos em mobilidade urbana:

— Não podemos achar natural que alguém demore duas horas e meia para chegar ao trabalho. É necessário incrementar o sistema ferroviário.

Durante o evento, a Oi apresentou uma solução de mobilidade urbana: um aplicativo com dados que mostram que a população de uma cidade se movimenta. A tecnologia pode ser usada por empresas ou prefeituras em decisões sobre investimentos em transportes.

MUDANÇAS CULTURAIS

Marina Grossi, economista e presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), observou que é muito importante olhar para o papel das mudanças culturais nas transformações urbanas:

— A gente está em um mundo em transição. Hoje, os jovens não querem tirar carteira de habilitação, ter um carro. Isso muda totalmente a cultura de uma juventude de classe média, que vai pressionar toda a infraestrutura que as cidades têm.

Soluções. Acima, o painel "A tecnologia transformando as cidades", ao lado, o debate sobre desenvolvimento sustentável



SUSTENTABILIDADE

A greve de caminhoneiros que parou o país mostrou como as cidades brasileiras dependem de combustíveis. Para a pesquisadora Flávia Consoni, professora e coordenadora do Laboratório de Estudos do Veículo Elétrico da Unicamp, é hora de apostar em transportes não poluentes:

— Veículos elétricos só se tornam realidade se forem inseridos em políticas públicas. É necessário incentivar eletropostos, locais para recarregá-los.

MUNDO PÓS-PETRÓLEO

O petróleo não vai durar para sempre. Para Marina Grossi, "é tempo de fazer o dever de casa":

— O Rio vive de royalties do petróleo, e estamos entrando num mundo de transição para o baixo carbono. Temos economia criativa, muitos pesquisadores e soluções de mobilidade. Precisamos agir. ●

nologia idealizadas para melhorar a gestão de uma cidade foi usada em um jogo de futebol entre Vasco e Universidad de Chile. Para evitar confrontos, a prefeitura monitorou o rastro digital deixado pelos celulares dos torcedores estrangeiros. Isso evitou uma

briga após a partida.

No evento, ficou claro que cidade inteligente é aquela que tem infraestrutura. Exemplos de problemas crônicos de municípios brasileiros, como falta de saneamento básico e mobilidade deficiente, foram citados por debatedores.

APOIO À HABITAÇÃO

Reino Unido, Los Angeles e Nova York têm incentivos para reduzir o déficit habitacional. A ideia foi defendida pelo arquiteto e urbanista Washington Fajardo. Ele frisou que as moradias erguidas de modo informal, principalmente

nas favelas, são uma regra para a população jovem do Rio:

— A gente deve fazer com que essa população ocupe centros urbanos. Precisamos pensar em moradias acessíveis. Portugal, por exemplo, oferece subsídios para famílias morarem de aluguel em

"Ser pobre custa caro. (...) As nossas cidades são difíceis para as pessoas pobres viverem"

Marina Grossi
Economista e presidente do CEBDS desde 2010

"Enquanto não houver projetos, as cidades brasileiras vão ser arremedos de cidades inteligentes"

José Armênio
Presidente do SP Urbanismo e ex-presidente do IAB

"Não importa quem coleta dados da cidade. É um espaço público, e os dados precisam ser públicos"

Fábio Duarte
Consultor em mobilidade urbana para o Banco Mundial

"As empresas de telecom poderiam fornecer dados para a evolução de cidades inteligentes"

Mauro Fukuda
Diretor de Estratégia, Tecnologia e Arquitetura de Rede da Oi

"A gente precisa sair dessa onda de expansão contínua da cidade. A ideia é reciclar a cidade"

Washington Fajardo
Urbanista, ex-presidente do Rio Patrimônio da Humanidade

"Atualmente, as cidades tendem à segregação por faixas de renda. Isso é um equívoco"

Sérgio Magalhães
Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)